

O anti-cu *The anti-anus*

Michel Foucault e Thierry Voeltzel

– É preciso encontrar um tema. Havia a droga. Um dia desses, C. disse: “Mas claro, é preciso falar da droga”. De todo modo, sei que C. está *muito* fascinado pela droga.

– Então, vamos dar prazer a ele! (*risos*)

– Certo, um capítulo prazeres, quer dizer, droga, porque é isso afinal...

– Embora faça isso cada vez menos.

– Ah, bom...

– Cada vez menos. Antes, quando eu morava com meus pais, fumava absurdamente. Quando dei o fora, eu fumava, tomava ácido, e o ácido me deixava completamente chapado. E depois foi a psilocibina, há pouco tempo, mas não era tão fantástica. Os *poppers* e as *yellowpills*, junto com o haxixe, eram as únicas drogas que me interessavam. Psilocibina são cogumelos alucinógenos, usados pelos feiticeiros mexicanos. A gente os encontra granulados. Produzem alucinações, mas, ao mesmo tempo, não impedem de fazer as coisas. Já o ácido não tomo mais, era desastroso.

– Desastroso em que sentido?

– No nível dos efeitos... Quer dizer que é muito difícil conseguir ácido do bom, o que se tomava estava misturado com anfetaminas, é o que se chama de “*spidé*”²¹. Eu me sentia muito, muito mal, queria que aquilo parasse imediatamente, ficava muito angustiado. Então parei de

²¹ Voeltzel se refere aos *speed's*, anfetaminas que levam este nome por serem fabricadas “rapidamente” em laboratórios clandestinos, mas também pelo efeito que produzem no(a) usuário(a): estado de alerta, redução das sensações de dor, fome e sede, resultando numa atitude de maior segurança e excitação (em francês, é admitido o anglicismo *speedé*, para se referir a alguém “acelerado”). O texto original adota uma corruptela (“*spidé*”).

tomar, não me trazia nada. E mais, me dava uma incapacidade física no nível sexual, no nível da reflexão, até no modo de andar, eu era incapaz de fazer o que quer que seja. A única coisa que me agradava era comer; então, como em geral se fazia isso em lugares sórdidos onde nada havia para comer (*risos*), onde as pessoas não tinham dinheiro, minha única vontade era impossível de satisfazer. Comecei a fumar haxixe há quatro ou cinco anos. No início, tinha muito medo porque era droga, depois isso melhorou bastante, mas eu fumava pouco; somente a partir do momento em que tive facilidade de conseguir, em que as pessoas tinham e me davam, em que eu não era obrigado a comprar, é que passei a fumar mais. E, de resto, há quatro ou cinco meses fumo muito menos, apenas quando estou entre pessoas com quem me sinto bem, e não daquele jeito, fumando até a guimba; não fumo mais da mesma maneira, em absoluto.

– Como você situa isso em relação às experiências sexuais, por um lado, e, por outro, ao pertencimento a grupos políticos?

– O único problema que se poderia colocar quanto aos grupos políticos, penso, é o da segurança. Usar droga é estar em contato com *dealers* mais ou menos ligados à polícia; logo, é arriscar-se a ser importunado pelos tiras por problemas de droga quando eles não encontram outros meios de nos aborrecer. Quando se fuma, ainda que isso seja proibido por seu grupo político, é preciso fazê-lo em condições de segurança máxima, não ficar carregando a droga por aí e tentar fumar em casa o mínimo possível. Quando eu fumava muito e tomava ácido, estava em contato com toda uma série de tipos sórdidos que chegavam a traficar por três ou quatro anos de maneira aberta e, depois, eram samangados e autorizados pela polícia. Sei que numa cidade como Rouen, os *dealers* de haxixe, os *dealers* de ácido eram somente dois; nós nos dirigíamos a eles nos cafés, na rua, para pedir o que queríamos, mas, por outro lado, se algum outro tentasse vender, era entregue à polícia, detido e

posto no xadrez. É por isso que entendo os grupos políticos, a não ser aqueles que situam a droga em um plano moral, como situam a homossexualidade num plano moral, e que fazem moralopolítica²².

– Sim, mas há também aqueles que colocam o problema em termos de economia, de alguma forma; que dizem: a partir do momento em que você se liga a seu prazer, a seu corpo, não está mais ligado àquilo que nos interessa, a saber, a luta de classes, o combate político etc.

– Mas esse tipo de discurso não se limita à droga, nós o encontraremos a propósito de todos os comportamentos, a propósito do estilo de vida. O militante deve ser triste, deve ser uma espécie de herói, o militante é algo de perfeito que, na realidade, está completamente isolado das pessoas com quem vive, das pessoas com as quais trabalha. No hospital, há um monte de gente que fuma e, de resto, há também muitos problemas com o uso de *stups*²³ vendidos na farmácia. Nesses grupos, então, encontramos a mesma atitude com relação à droga e com relação à sexualidade: falaremos do prazer depois, depois da revolução. E como se espera a revolução para falar do prazer, pode-se esperar uma enormidade.

– Parece-me que esse tema, que encontramos entre eles, está no fundo ligado a duas coisas: de um lado, a essa ideia um pouco reichiana, quer dizer, pós-freudiana, de que tudo isso deve ser analisado em termos econômicos, de que aquilo que se dispense num domínio está indisponível aos demais: o que você dá a seu prazer não pode dar ao trabalho, o que você dá ao corpo não pode dar à luta etc. O que sem dúvida não é verdadeiro.

– O que é falso. No meu caso, conheci esses militantes puros e duros, que chegam a ter um comportamento de heróis, de mártires, de pequenos santos e que são tediosos...

²² No original, *moralopolitique*.

²³ Abreviatura da palavra francesa *stupéfiants* (entorpecentes).

– Totalmente, totalmente...

– Asquerosos, insuportáveis. É o tipo de gente que procuramos para escrever um texto político, mas comer com elas, fazer qualquer outra coisa com elas, é absolutamente impossível porque consideram os outros pequenos burgueses.

– A mim, parece que há uma certa forma de ascetismo, ou de puritanismo, que é absolutamente antitético a todas as formas de lutas coletivas. E há também, entre eles, a ideia de que se alguém tem ligação com a droga, não pode mais estar ligado à realidade, e aí, não sei se você teve essa experiência, o que me impressionou na droga – deixemos de lado o LSD, é um pouco diferente –, haxixe ou *yellowpills*, é que ela está absolutamente longe de cortar você da realidade.

– Sim, porque as *yellowpills* me permitiram, há pouco, ver bem melhor – não sei que componente químico permite isso –, me desembaraçar um pouco de mim mesmo, para olhar o que tinha feito e analisar muito rapidamente todos os problemas reais que se colocavam para mim e com que eu me defrontava. Havia uma reavaliação de muitas coisas que não eram, de forma alguma, apolíticas.

– Sim, e isso não é nem uma outra realidade nem uma surrealidade, é uma certa relação à realidade que se pode estabelecer a partir da droga. Fiz poucas experiências com LSD, mas ocorreram com produtos de boa qualidade e nas melhores condições, com pessoas muito, muito especializadas, que sabiam muito bem o que fazer, e também aí tive essa impressão, ou antes, não a impressão, sei que isso se passou comigo no nível da relação com o real, da relação com a verdade. Assim, a ideia de que o que se dá ao prazer não se dá ao trabalho, de que o que se dá ao corpo não se dá à luta, é falsa, bem como a ideia de que a droga não coloca você em relação com a realidade.

– Mesmo assim, há um problema. Há duas maneiras de usar a droga: há pessoas que não podem deixar de fumar um baseado – conheci

algumas; se não fumam dois, três, quatro, cinco, seis por dia, depois do seu haxixe elas mergulham na nória, o que se torna um problema para elas; há pessoas que se picam e sentem coisas muito duras, e têm verdadeiramente uma relação diferente com a realidade, não porque usam a droga, mas por causa das condições em que são obrigadas a tomá-la, as de correr, de roubar, de buscar a parada, de ficar completamente aprisionadas a ela. Constatou-se que os tipos que fumavam trabalhavam menos, se defendiam menos... mas penso que – seja o haxixe ou o álcool –, a partir do momento que se os utiliza de modo a não poder passar sem eles, isso se torna impossível. Mas podem ser usados de outro modo e, então, não vejo em que o prazer possa atrapalhar.

– Exatamente, porque o prazer é, ao mesmo tempo, uma percepção da realidade, uma relação com a realidade e um comportamento abertamente realista²⁴.

– Isso foi verdadeiro para mim: quando comecei a fumar, fumava em casa, obrigava meus pais a aceitar, o que não chegou a ser um transtorno para eles. Ainda assim, se eu fumava, isso também se relacionava com eles, implicava lutar contra todas as ideias que eles tinham, essa maneira de se comportar, antiprazer, que encontramos entre os cristãos e em muitas outras pessoas.

– Agora me diga, então, e quanto à sexualidade, em relação à droga?

– Justamente, é por isso que gostei tanto dos *poppers*, porque se trata de algo que dá um prazer bem maior, e que permite ao corpo...

– É preciso, talvez, explicar o que são *poppers*.

– É o nitrito de amila, um acelerador cardíaco. Charcot o usava para suas experiências com as histéricas. Quando o inalamos, tudo, no corpo, se torna uma zona de prazer. Você esquece todos os seus bloqueios. O

²⁴ No original, a frase parece incompleta, razão pela qual também a apresentamos na forma francesa: “– Eh oui, parce que le plaisir, c’est à la fois une perception de la réalité, un rapport à la réalité, c’est un comportement hautement réaliste que le plaisir”.

efeito é muito passageiro, um minuto no máximo, mas é muito intenso, e se pode recomeçar. Creio que hoje em dia se fala mais dele.

– Mas unicamente nos meios homossexuais.

– Sim, eu sei, e me parece bizarro. Nos Estados Unidos, é amplamente conhecido e largamente difundido, mas unicamente, também, no meio homossexual.

– Sim, mesmo nos Estados Unidos....

– Os héteros não o conhecem. Isso corresponde a uma relação com o prazer, a uma busca do *maximum* do prazer que existe muito mais entre os homossexuais do que entre os héteros; é evidente que entre os homossexuais se faz amor mais pelo prazer do que por um objetivo hipotético de nove meses.

– Bom, mas escute, neste ponto não admito teu discurso, porque os héteros, afinal, não são estúpidos a tal ponto.

– Não, não, eu sei, mas a relação ao prazer....

– Eles o fazem também por seu prazer, mesmo que isso possa nos parecer estranho. (*risos*)

– No meu caso, o que vi da sexualidade dos heterossexuais foi, primeiramente, a miséria sexual em todos os níveis. Em uma ocasião, dei *poppers* a um casal de namorados e eles me disseram que não era tão bom, que não lhes provocava nada. Encontrei o frasco aberto. Tinham esquecido de fechá-lo e tudo evaporou. A utilização de *poppers* só se mantém no gueto homossexual.

– Sim, de qualquer maneira, os *poppers* são a única droga que se experimenta no interior mesmo do prazer sexual, porque, tomados em si mesmos, não têm outro efeito além da aceleração cardíaca. Quando são tomados quando se está fazendo amor, por outro lado, há este efeito de prodigiosa multiplicação e intensificação, única e ao mesmo tempo inesquecível, e, felizmente – acredito –, da qual podemos nos desprender. Isso me parece, ainda assim, um pouco particular. O que me

atraiu em outras drogas, sejam as *yellowpills*, que possuem um efeito bastante extraordinário, ou a cocaína e o LSD, é que isso constitui, me parece – não sei se você teve a experiência –, uma espécie de dessexualização do prazer.

– Em particular, isso é verdadeiro para as *yellowpills*. Chega-se a ter um prazer intenso sem realmente fazer amor segundo as normas, unicamente estando um contra o outro a se beijar, e podendo se beijar por horas...

– O que desanatomiza a localização sexual do prazer, ao ponto de, efetivamente...

– Todo contato é absolutamente...

– Beija-se na boca durante duas horas com um prazer absolutamente formidável...

– E até depois. Com as *yellowpills*, pude fazer amor de maneira diferente. Não me sentia obrigado a ejacular para gozar. A localização do prazer, como você disse, é deslocada.

– Então, se desloca no espaço e no tempo, porque se desloca em relação à localização sexual, e também em relação ao orgasmo; e ainda quanto a isso, no fundo, me pergunto se não há no reichismo coisas ainda muito constrangedoras, essa ideia de que o orgasmo...

– Sim, e ainda essa espécie de curva no orgasmo, uma que subia mais ou menos rápido – já não me lembro se era a do homem ou a da mulher – e caía mais rápido, além do fato de que o sumo do sumo seria conseguir chegar ao mesmo tempo ao cume da curva.

– A apologia do orgasmo, como é feita pelos reichianos, parece-me ainda uma maneira de localizar, no sexual, possibilidades de prazer que coisas como as *yellowpills* ou a cocaína permitem fazer explodir e se difundir por todo o corpo; o corpo se torna então o lugar global de um prazer global e, nessa medida, é preciso desembaraçar-se da sexualidade.

– Sim, é preciso se desembaraçar do sexo.

– É preciso se desembaraçar do sexo, do cu, isso enche o saco, já chega. (*risos*)

– E aí me parece que tocamos em um problema muito importante.

– Sim, quando vejo os grupos de liberação homossexual, tudo o que eles conseguiram fazer, finalmente – quando conseguiram fazer alguma coisa –, foi deslocar o gueto. Não o combateram, no único momento em que foi combatido foram vendidos cinco mil exemplares de um jornal. A partir do momento em que o gueto não é combatido, não há abertura, a coisa não anda. O discurso sobre a sexualidade pôde ser muito bem reintegrado e retomado por montanhas de jornais perfeitamente reações. Basta ver revistas comerciais como *Marie Claire*, que fazem artigos sobre o Movimento de mulheres! Conheço todas as revistas reações, porque está cheio delas espalhadas por toda parte no hospital²⁵; mesmo os jornais de direita são capazes, agora, de falar da sexualidade.

– Creio que nesse caso o discurso de esquerda foi apanhado numa armadilha pelo discurso de direita contra o qual se voltava; durante séculos, se disse: “Mas se vocês não constituem uma família, normal e regular, o próprio Estado será comprometido” – em suma, o velho discurso de direita com o qual as pessoas foram disciplinadas durante séculos. Por sua vez, quando a esquerda quis fazer a crítica, ela disse: “Ah, mas se atacarmos a família, se conseguirmos desatrelar isso, então o próprio sistema político explodirá – como se, efetivamente, o capitalismo, o sistema político geral que lhe está ligado, tivesse sua condição de existência em uma regulação familiar da sexualidade. Ora,

²⁵ Na época, Thierry Voeltzel trabalhava como motorista de um hospital, conduzindo um caminhão de transporte de materiais da instituição. Como relata o próprio, “[...] o trabalho no hospital me agradava, eu adorava carregar e dirigir caminhões. Eu também fui motorista particular, mas acabei girando em círculos”. Este depoimento está presente no Dossiê Artístico do espetáculo teatral “Letzlove” que tem a entrevista entre Foucault e Voeltzel como texto (interpretado por Pierre Maillet, como parte da programação da Comédie de Caen, CDN de Normandie, em cartaz de novembro de 2017 a julho de 2018 na França). Disponível em: <http://www.comediedecaen.com/programmation/2017-2018/letzlove-portrait-foucault/>.

isso não é de todo verdade; no limite, o capitalismo não dá a mínima para isso.

– Duvido que ele não dê a mínima. Veja a maneira como luta ainda hoje contra certas formas de sexualidade. Mas não sei a que ele está ligado, se o patriarcado está ligado ou não ao capitalismo; de minha parte, acho que está um pouco. (*risos*)

– Com toda certeza!

– Eles são capazes de permitir um monte de coisas para uma série de pessoas, mas a maneira como todo um combate contra a homossexualidade é retomado nos meios populares... Para mim, isso colocou diversos problemas; no entanto, eles não têm nada a ver com o fato de eu ser homossexual.

– Entretanto, isso tem uma importância sagrada para eles... Quer dizer, eles prestam absoluta atenção nisso.

– Sim, mas quando vejo todos os problemas dos homossexuais nos seus locais de trabalho, a repressão vem tanto de seus chefes quanto dos colegas. A homossexualidade entre os intelectuais, em *Libération*, é possível; porém nas fábricas...ir distribuir um panfleto sobre a homossexualidade numa fábrica...

– Sim, sim, é preciso fazê-lo!

– E se faz.

– Isso é feito?

– É preciso que os homossexuais lutem, nas fábricas, nas oficinas, para que os caras não os tratem como se fossem tias, que não lhes encham o saco, não lhes quebrem a cara. No fim das contas, a repressão dos tiras é clara, mas a dos colegas de oficina... Nesse caso é preciso reagir, porque se não é certo que a homossexualidade coloque fundamentalmente em questão o plano burguês, por outro lado, ela desconcerta toda uma série de relações entre as pessoas da oficina, toda a virilidade, toda a falocracia. É preciso, pois, que o combate

dos homossexuais não seja conduzido somente por uma *intelligentsia* ou simplesmente por homossexuais que consigam se safar do gueto, é preciso que a homossexualidade ultrapasse o gueto para ir lá onde ela coloca mais problemas, onde é mais dura de viver. E isso é muito mais difícil.

– Não sei se você leu, em *Libération*, uma carta muito, muito bonita – você sabe, a página 2 é verdadeiramente a melhor coisa em *Libération* –, uma carta de um rapaz que contava que ele era heterossexual e que viajou em férias com um grupo de rapazes e moças. Dormiam numa barraca, acampavam. Pois um dia, dois rapazes estrangeiros vieram vê-los e o acaso fez com que ele se encontrasse, à noite, no mesmo leito ou saco de dormir de um dos recém-chegados. O convidado começou a acariciá-lo, e seu primeiro movimento foi...

– De repulsão.

– Não, não de repulsão, em todo caso ele se debatia, e o explicava de uma forma muito, muito encantadora – bonita e, ao mesmo tempo, inteligente – que o gesto que fazia para repelir seu camarada se tinha transformado, por uma espécie de lógica, em gesto de aceitação, e na manhã seguinte eles saíram, mostrando de forma manifesta que, bem, tinham feito amor, e que não somente tinham feito amor, mas isso lhes agradava e eles se amavam, e eles o mostraram ao longo de todo o dia, e muito depressa surgiram relações de intolerância no grupo, que no entanto era esquerdista, liberado – garotos e garotas dormiam juntos com grande facilidade... não havia qualquer interdito. As reações negativas começaram a se multiplicar e, finalmente, os dois foram expulsos do grupo, sob a alegação de que não podia fazer aquilo na frente das pessoas da aldeia etc. Ele terminava simplesmente dizendo: no fundo, se não nos toleraram, foi porque todo mundo se sentia atingido em sua normalidade sexual, os rapazes sentiam sua virilidade ameaçada por isso. E ele fazia, se assim o preferir, do ato sexual recusado por todo mundo, garotos e garotas, a

verdadeira razão da rejeição. Mas, lendo sua carta, tive a impressão de que o ponto em que a resistência se deu entre os demais não foi tanto o fato de que eles tenham dormido juntos ou, para dizer as coisas cruamente, de que um tenha enrabado o outro; não era isso o intolerável, e sim que, na manhã do dia seguinte, eles se tomassem pela mão, que, durante o almoço eles se beijassem, que não se largassem mais; era finalmente toda uma série de prazeres que consistem justamente nos prazeres de estarem juntos, prazeres de corpos, prazeres de olhares... E é essa economia do prazer que é incrivelmente mal aceita. Ao passo que a região do sexual – e bem, muito embora saibamos que aí se passam coisas estranhas – é finalmente muito mais bem tolerada, e se admite que dois sujeitos gozem juntos²⁶. Mas que se amem, que tenham prazer entre eles sem cessar, a qualquer hora do dia, prazeres ao mesmo tempo visíveis e completamente enigmáticos, que dois homens se tomem pela mão e sorriam um para o outro! Isso, não é possível.

– Conversei muito com um parceiro e concluímos que, finalmente, o importante para os homossexuais era menos fazerem amor do que serem capazes de tomar o café da manhã, de passar o dia juntos, de mostrar aos demais sua afeição mútua, sua ternura recíproca. Não é que os homossexuais não façam amor, é que depois escondem que se amam.

– É isso, exatamente. Eu dizia que é justamente aí que assoma o interdito, a forma mais perversa de interdito, isto é, a mais difusa, a que jamais é dita, mas que, finalmente, barra da vida do homossexual toda uma série de coisas, o que torna sua existência relativamente penosa, qualquer que seja a tolerância para com o ato sexual, já que suponho que essa tolerância, hoje, até certo ponto existe.

– Mais ou menos; quer dizer, em geral os homossexuais se escondem, então isso é quase tolerado; como você diz, é o comportamento que incomoda.

²⁶ No original, “que deux types s’envoient en l’air ensemble”.

- É o prazer visível, não o prazer escondido.
- Não incomodava as pessoas da aldeia que eles transassem, o que incomodava era que passeassem na aldeia de braços dados, que, ao entrar na mercearia para comprar um litro de leite, eles se beijassem.
- E eu diria mesmo que incomodava diretamente as pessoas do pequeno acampamento o fato de verem dois rapazes de mãos dadas, tomando o café da manhã lado a lado, sorrindo um para o outro; isso é que não era tolerado. Quanto ao segredo da sua noite, elas não estão nem aí.
- Certamente, porque ninguém bisbilhota a cama de dois héteros...
- É isso mesmo. Bom, me diga, acho que nos desviamos, tínhamos combinado não falar mais do cu, e ainda estamos nisso exatamente...
- Sim, mas não tanto no cu.
- Não, não o cu, justamente, mas “O anti-cu”... o prazer não sexual.